

MESCLA CONCEITUAL EM SONHOS NA PANDEMIA: NOVAS PERSPECTIVAS PARA UM DIÁLOGO ENTRE LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE

CONCEPTUAL BLENDING IN PANDEMIC DREAMS: NEW PERSPECTIVES FOR A DIALOGUE BETWEEN LINGUISTICS AND PSYCHOANALYSIS

*Flávia Alvarenga de Oliveira*¹

*Gilson de Paulo Moreira Iannini*²

*Mara Passos Guimarães*³

*Ricardo Augusto de Souza*⁴

RESUMO

Sonhos são um tipo de atividade mental complexo, com inegável importância evolutiva desde suas bases neurológicas, passando por seus possíveis impactos em experiências psicológicas dos sonhadores até seu valor coletivo, em certas culturas (Ribeiro, 2019). O presente trabalho apresenta a conjectura de que há fecundidade recíproca de um diálogo entre o posicionamento acerca da corporeidade basal na simbolização linguística defendida em Linguística Cognitiva e a concepção do psiquismo na teoria psicanalítica. Notadamente, a Psicanálise é um campo disciplinar que trata da subjetividade, abordando processos mentais atravessados por afetos e sobre os quais opera a agência de um ente desejante que constrói, por um saber inconsciente, sua relação com o mundo. Neste trabalho, iniciamos uma elaboração de tal conjectura através de uma análise motivada pela Teoria da Mesclagem Conceitual (Fauconnier, 1994; Fauconnier, 1997; Fauconnier; Turner, 2004) de narrativas oníricas que guardam um caráter singular. Trata-se de narrativas de sonhos de brasileiros coletadas durante o ano de 2020, ou seja, durante o auge pré-vacinação da pandemia de Covid-19, no contexto de um projeto interinstitucional que envolveu três importantes universidades públicas brasileiras (Dunker *et al.*, 2021). As análises apresentadas suportam a ideia de que a Teoria da Mesclagem Conceitual é capaz de dialogar com os conceitos freudianos de condensação e deslocamento, os quais correspondem, respectivamente, à metáfora e à metonímia, prevalentemente.

PALAVRAS-CHAVE: Mesclagem. Sonhos. Pandemia. Linguagem e psicanálise.

ABSTRACT

Dreams are a complex type of mental activity, with undeniable evolutionary importance from their neurological bases, and with possible impacts on dreamers' psychological experiences to their collective value, in certain cultures (Ribeiro, 2019). This study develops the conjecture that a dialogue between the position regarding basal corporeality in linguistic symbolization defended in Cognitive Linguistics and the conception of the psyche in psychoanalytic theory may be reciprocally fruitful. Notably, Psychoanalysis is a disciplinary field

¹ Secretaria de Educação de Contagem (SEDUC/Contagem) e Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), flavia_alvarenga@live.com, <https://orcid.org/0000-0002-6454-2461>.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), gilsoniannini@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-8233-5503>.

³ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mguimaraes.ufmg@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0251-3013>.

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ricsouza.ufmg@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6690-3948>.

that deals with subjectivity, addressing mental processes influenced by affects and in which the agency of a desiring being operates and builds, through unconscious knowledge, their relationship with the world. In the study, we begin to elaborate such a conjecture by way of an analysis of dream narratives that have a unique character, motivated by the Theory of Conceptual Blending (Fauconnier, 1994; Fauconnier, 1997; Fauconnier; Turner, 2004). These are narratives of Brazilian dreams collected during 2020, that is, during the pre-vaccination peak of the Covid-19 pandemic, in the context of an interinstitutional project that involved three important Brazilian public universities (Dunker et al., 2021). The analysis presented supports the idea that the Theory of Conceptual Blending is capable of dialoguing with the Freudian concepts of condensation and displacement, which predominantly correspond, respectively, to metaphor and metonymy.

KEYWORDS: Blend. Dreams. Pandemic. Language and psychoanalysis.

1. Introdução

Uma referência comumente evocada com vistas à apresentação sintética e didática de dois grandes paradigmas em disputa nos estudos linguísticos desde meados do século XX mapeia esta área como cindida entre os campos formalistas e funcionalistas (França; Ferrari; Maia, 2016). Genericamente, podemos apontar o primeiro campo, que é prototipicamente exemplificado pela teoria da Gramática Gerativa, como aquele que se erigiu tendo por bússola o sucesso teórico-descritivo do empreendimento fonológico em Linguística, propondo, portanto, que a identificação de propriedades formais das expressões linguísticas e a descrição de seus condicionantes distribucionais alcançariam suficiência como explicação da linguagem e de seus fenômenos. Tal paradigma toma o interjogo de traços formais como o objeto de conhecimento relevante para a teoria linguística.

O segundo campo, por sua vez, pode ser genericamente reconhecido como aquele que reivindica o âmbito da significação como indispensável para a análise e a explicação em linguística, por tomar as pressões por comunicação intersubjetiva eficiente como o provável fator da origem filogenética da linguagem humana, assim como por entendê-lo igualmente como o fator que modula a aquisição da linguagem do ponto de vista ontogenético. Neste campo, ao tomar-se as funções comunicativas da linguagem como base para a compreensão de seu funcionamento, rejeita-se justamente a suficiência da descrição formal para a configuração de uma teoria de linguagem, à semelhança da insuficiência de descrições anatômicas para a explicação de mecanismos fisiológicos em Biologia (Givón, 2017).

O conjunto de modelos e abordagens teóricas que compõem a Linguística Cognitiva se alinha ao campo funcionalista. Todavia, há dentre esses modelos e abordagens aquelas que adotam heurísticas analíticas guiadas por análises minuciosas de distinções formais e de suas propriedades distribucionais, assim como caracterizadas por sistemas notacionais para a formalização de grande complexidade. São exemplos alguns quadros teóricos em Gramática de Construções, especialmente aqueles com forte compromisso com a implementação computacional (ex.: Boas; Sag, 2014). Portanto, não é um recuo a análises da forma linguística que perfaz a distinção entre as abordagens teóricas em Linguística Cognitiva das abordagens formalistas.

O corte epistêmico fundamental que a Linguística Cognitiva opera em relação ao campo formal é a rejeição da hipótese de que a linguagem é um módulo encapsulado da mente humana, separando-se e autonomizando-se de outras características e manifestações do psiquismo.

A modularização de funções mentais e o decorrente encapsulamento do tipo de informação com o qual um dado hipotético módulo opera, cabe observar, oferecem uma arquitetura mental que apoia, em âmbito teórico, a hipótese de que a linguagem é estruturada com níveis de computação de unidades mínimas e especializadas. Tal como argumenta França (2019), desenvolvimentos recentes na teorização gerativista permitem aos proponentes dessa teoria assumir uma posição de delimitação micromodularista de sistemas altamente específicos de computação linguística, sendo um dos objetivos da teoria a especificação de mecanismos de interface entre tais sistemas. Ou seja, a hipótese de modularidade de funções mentais é central para o campo formalista, uma vez que posições formalistas em linguística, tais como a Gramática Gerativa, encontram uma justificativa teórica ortogonal na modularidade da mente.

A Linguística Cognitiva, ao contrário, propõe o entendimento das manifestações linguísticas como uma faceta da inscrição psíquica da experiência humana, não como um módulo especial dela seccionado. Este campo teórico assume, portanto, uma posição experientialista em relação à ontogênese e à organização da linguagem, tal como argumenta Ferrari (2011). Longe de apoiar-se na hipótese de micromódulos especializados, em Linguística Cognitiva reconhece-se a plausibilidade de identificação de subsistemas interseccionais (Talmy, 2018). A linguagem, como faceta experientialista e interseccional da mente humana, emerge e estrutura-se por ser um produto privilegiado da alta capacidade humana de categorização. Em outras palavras, a linguagem se funda na representação e expansão simbólica de categorias perceptuais, através de processos metafóricos e metonímicos (Taylor, 1995; Lucy; Gaskins, 2003; Ferrari, 2011; Kövecses, 2021; Wen; Fu, 2021).

Mais ainda, o processo de expansão metafórico e metonímico que subjaz desde significação referencial até as construções sintáticas é inseparável da corporeidade da experiência vivida (Goldberg, 1995; Gibbs, Jr., 2014; Ibañez, 2021). Talmy (2018) propõe que os subsistemas mentais com os quais a linguagem tem interseções não se limitam a campos como percepção visual, auditiva ou cinestésica, incluindo também emoções, afetos, fatores sócio-históricos e padrões culturais. Seguindo tal proposta, entendemos que a dimensão da corporeidade que perfaz o languageiro diz respeito tanto ao corpo individual como entidade anatômica, fisiológica e pulsional quanto à situacionalidade desse corpo em um corpo social, tomado em sua totalidade ou em alguma de suas fraturas internas. Tal situacionalidade se realiza na ontogênese com o laço intersubjetivo entre o *infans*, ou seja, o bebê ainda não falante, e as figuras que perante ele exercem parentalidade ou agência de cuidado, progressivamente expandindo-se em complexidade através dos novos laços afetivos, assim como do compartilhamento coletivo de símbolos e de práticas e rituais culturalmente sancionados em um dado espaço de sociabilidade e tempo histórico.

A hipótese geral que fomenta o presente trabalho é que há fecundidade recíproca de um diálogo entre o posicionamento acerca da corporeidade basal na simbolização linguística defendida em Linguística Cognitiva e a concepção do psiquismo na teoria psicanalítica. Notadamente, a Psicanálise é um campo disciplinar que trata da subjetividade, abordando processos mentais atravessados por

afetos e sobre os quais opera a agência de um ente desejante que constrói, por um saber inconsciente, sua relação com o mundo.

Neste trabalho, iniciamos uma elaboração de tal hipótese através de uma análise motivada pela Teoria da Mesclagem Conceitual (Fauconnier, 1994; Fauconnier, 1997; Fauconnier; Turner, 2004) de narrativas oníricas que guardam um caráter singular. Trata-se de narrativas de sonhos de brasileiros coletadas durante o ano de 2020, ou seja, durante o auge pré-vacinação da pandemia de Covid-19, no contexto de um projeto interinstitucional que envolveu três universidades públicas brasileiras, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal de Minas Gerais (Dunker *et al.*, 2021). Trata-se, portanto, de um período crítico da história recente de nosso país, no qual os sonhantes encontravam-se mediante a urgência do confinamento social como a medida preconizada por cientistas para a prevenção contra a contaminação pelo vírus SARS-Cov-2 e, ao mesmo tempo, viviam o negacionismo, desprezo e aberto antagonismo das autoridades máximas do então governo federal brasileiro para com a recomendação de isolamento social e para com outras medidas sugeridas pela comunidade científica, como o uso de máscaras respiratórias e a própria vacinação.

Sonhos são um tipo de atividade mental complexo, com inegável importância evolutiva, desde suas bases neurológicas, passando por seus possíveis impactos em experiências psicológicas dos sonhadores até seu valor coletivo, em certas culturas (Ribeiro, 2019). Tomado enquanto manifestação discursiva, entendemos que o sonhar guarda interesse por se tratar inquestionavelmente de uma vivência subjetiva e íntima de natureza multimodal e multissensorial. Trata-se, ainda, de uma vivência da qual o compartilhamento intersubjetivo só é possível através de uma textualização da qual advém um relato verbal, ou seja, por uma atividade deliberada de tradução intersemiótica. Todavia, Freud (1900) concebe o sonho como um rébus, uma espécie de escrita pictográfica que mescla elementos de diferentes tipos, tais como imagens e palavras, assim materiais oriundos de diferentes fontes, incluindo restos de experiências sensoriais recentes e memórias inconscientes passadas. Ou seja, a teoria freudiana da elaboração onírica propõe que o sonho é uma manifestação psíquica na qual as experiências visuais e sensoriais que se apresentam ao sonhador perfazem uma função sígnica de valor verbal, seja por equivalência lexical ou até mesmo silábica, dimensão fundamental na leitura do inconsciente freudiano estruturado como linguagem, tal como proposta pelo psicanalista Jacques Lacan. Tal perspectiva instaura uma dialética na relação entre o sonhar e a linguagem, pois se a narrativa de um sonho pode ser tomada como a textualização de uma experiência multimodal, o ponto de vista psicanalítico sobre o sonho, em particular o sonho dos falantes, é que nele há uma composição multissensorial de um discurso de base eminentemente linguística.

Entendemos, assim, que sonhos oferecem um material fecundo para análises que buscam compreender as relações entre as manifestações linguísticas e a vida mental humana. É este entendimento que justifica para nós o estudo ora relatado.

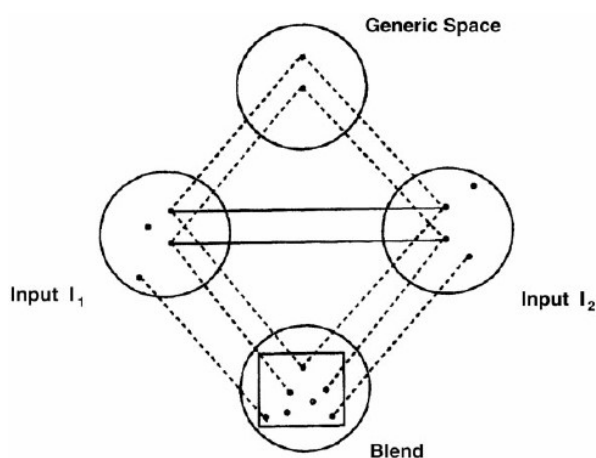
Nas seções seguintes deste trabalho, apresentaremos as bases da Teoria da Mesclagem Conceitual e, em seguida, elementos da teoria freudiana do sonho que são relevantes para nosso relato. Passaremos, então, a informações sobre o corpus do qual nos valem para a análise de narrativas oníricas, seguido de uma explicitação de nossos procedimentos para a análise. Expomos em seguida os resultados de nossa análise de metáforas que se manifestaram nas narrativas oníricas. Para encerrar o trabalho, discutiremos as implicações que entendemos serem trazidas por este estudo.

2. Teoria da Mesclagem Conceitual

Desenvolvida por Gilles Fauconnier e Mark Turner, a Teoria da Mesclagem Conceitual (TMC), também conhecida como Teoria da Integração Conceitual, faz parte do rol de teorias da Linguística Cognitiva e propõe que o significado pode ser compreendido e criado através da combinação de diferentes conceitos. Fauconnier e Turner (2002) salientam que a capacidade de mesclar informações está na base dos processos cognitivos humanos e propõem que o processo de mescla entre espaços mentais, ou seja, conceitos sobre os quais o falante armazena informações e conhecimentos na mente, seria governada por princípios que fazem a mescla acontecer.

A figura 1 apresenta o diagrama contendo os principais elementos envolvidos na mescla, quais sejam, o espaço genérico, os espaços de entrada e o espaço de mescla. O primeiro se refere a uma estrutura que existe no processo de mescla a fim de funcionar como um campo comum para integrar os elementos de entrada. Ele é gerado dinamicamente durante o processo e captura a estrutura compartilhada entre esses espaços e suas relações subjacentes. O segundo, por sua vez, se refere aos conceitos que servem de entrada para o processo de mesclagem. A partir do mapeamento da estrutura de cada espaço de entrada e da identificação de semelhanças entre os elementos, faz-se a seleção de elementos específicos relevantes para a mescla. O terceiro, dessa forma, é a própria mescla, que combina esses elementos e cria um novo espaço, agora integrado, que surge como um novo conceito, mas do qual ainda se pode resgatar os espaços de entrada e suas relações.

Figura 1: Diagrama da Mescla



Fonte: Fauconnier e Turner (2002), p. 46.

Isso significaria dizer que o processo de mesclagem tem o potencial de utilizar conhecimentos prévios, tanto provenientes de lembranças recentes quanto de memórias inconscientes de longo prazo e combiná-los, a fim de criar conceitos inovadores, tal como aparecem nos relatos de sonhos coletados durante a pandemia de Covid-19.

Fauconnier e Turner (1998) estabeleceram ainda “princípios de otimalidade”, a partir dos quais uma mescla pode ou não funcionar. Primeiramente, todos os espaços da mescla devem estar firmemente integrados, de modo que possam ser manipulados como um. Além disso, os espaços devem ser topologicamente compatíveis, a fim de que os elementos projetados na mescla tenham correspondências em ambos os espaços mentais. É preciso também que a mescla mantenha suas conexões com os espaços de entrada e que permita sua reconstrução, bem como a reconstrução do mapeamento e conexão entre eles. Por fim, faz-se necessário que todos os elementos presentes na mescla sejam relevantes e tenham significado. Assim, quanto mais uma mescla se enquadra a esses princípios, melhor ela será.

Outro aspecto relevante da Teoria da Mesclagem Conceitual é a existência do que Fauconnier e Turner (2002) chamam de “relações vitais”, as quais também guiaram a formação da mescla. Essas relações se referem a um conjunto de relações influenciadas por experiências socialmente compartilhadas e pela neurobiologia (Fauconnier; Turner, 2002). Muito embora os autores apresentem 15 relações vitais através das quais se dão as mesclas, interessa-nos aqui apenas cinco: analogia, desanalogia, causa e efeito, representação e mudança.

Primeiramente, a analogia é uma relação vital essencial para o mapeamento da estrutura da mescla. Ela envolve mapear elementos de dois espaços mentais baseando-se em sua estrutura comum, o que permite compreender um espaço em termos de outro, a partir de suas semelhanças.

Em segundo lugar, a desanalogia se refere à presença de incongruências e diferenças entre dois domínios que foram mapeados. Tanto a analogia quanto a desanalogia são relações vitais essenciais e se complementam, uma vez que são capazes de estabelecer semelhanças e contrastes entre os espaços de entrada da mescla.

Em terceiro lugar, há a relação de causa e efeito que relaciona dois espaços de entrada. Um deles corresponde à causa e o outro, à sua respectiva consequência. Essa relação vital constrói novos significados através da compressão dos espaços de entrada, da qual se pode depreender a informação emergente.

A quarta relação, de representação, conecta dois espaços de entrada, de modo que o primeiro corresponde à coisa representada e o segundo, àquilo que a representa. Assim, os espaços se mesclam em uma unidade da qual emerge uma nova estrutura em que um elemento é capaz de representar outro.

Por fim, a relação de mudança relaciona um elemento a outro que represente seu estado modificado. Ou seja, um elemento apresenta, em diferentes momentos, características diversas, sem que seja, no entanto, o mesmo elemento inicialmente apresentado.

3. Elementos da Teoria Freudiana

As bases da teoria psicanalítica do sonho foram formuladas por Freud entre os anos de 1895 a 1900 e publicados em sua obra seminal, a *Traumdeutung*, publicada em 1900. Esse livro sofreu inúmeras revisões ao longo de suas várias reedições. Reformulações de maior monta foram propostas a partir de 1920, com a revisão da hipótese fundamental de que todo sonho seria realização disfarçada de desejos reprimidos ou recalçados. Mas os aspectos que nos interessam aqui não dizem respeito à realização de desejo, nem sua posterior revisão. Para fins da presente investigação, reteremos nossa atenção a dois aspectos principais: os fundamentos dos dois principais mecanismos de trabalho do sonho (condensação e deslocamento) e a relação entre fontes e materiais do sonho.

No início do capítulo VI de sua “A interpretação do sonho” (1900/2024), em que examina os mecanismos de trabalho do sonho, Freud assinala que todas as tentativas de deciframento do sentido dos sonhos fracassam justamente pelo fato de tomarem o “conteúdo manifesto” como equivalente à totalidade da experiência onírica. Propõe então a distinção entre duas camadas do sonho: os pensamentos latentes e os conteúdos manifestos. Interpretar um sonho requer do pesquisador o rastreo dos processos que transformam o pensamento latente em conteúdo manifesto. Estes apresentam-se como “duas figuras do mesmo conteúdo em duas linguagens distintas” (Freud, 1900/2024, s/p). Essas linguagens diferenciam-se em seus modos de expressão, em que signos [Zeichen] e leis de articulação [Fügungsgesetze] são transferidos, de modo análogo a processos de tradução intersemiótica. Nesse passo, vale a pena recorrer ao próprio texto freudiano: “O conteúdo do sonho é dado em uma espécie de escrita pictográfica [Bilderschrift], cujos signos devem ser transferidos, um a um, para a linguagem dos pensamentos do sonho. Seríamos, evidentemente, induzidos ao erro se quiséssemos ler esses signos de acordo com seu valor pictórico [Bilderwert], e não de acordo com sua relação semiológica” (Freud, 1900/2024, s/p).

O sonho compõe-se de forma homóloga a um enigma pictográfico, um rébus, que parece sem sentido ou insensato [unsinnig] apenas se tomarmos as imagens como imagens e não como signos. Os processos de transformação que presidem a transferência de signos e leis de articulação entre um e outro modo de expressão são vários, mas dois deles destacam-se entre os demais: a condensação e o deslocamento. A condensação refere-se a uma espécie de taxa de compressão, cujo valor não pode ser calculado, que resulta que cada elemento no sonho possa mesclar uma quantidade superabundante de conteúdos. As associações supervenientes que um sonhante produz ao relatar o sonho certamente estabelece novas ligações inexistentes no tecido do sonho. Mas mesmo essas novas ligações devem ser vistas como “circuitos paralelos [Nebenschließungen], curtos-circuitos [Kurzschlüsse], possibilitados pela existência de outras vias de ligação situadas em maior profundidade” (Freud, 1900/2024, s/p). Finalmente, o processo de condensação ocorre num eixo que o próprio Freud chama de “simultâneo”, na medida em que os pensamentos do sonho são mantidos lado a lado. Não por acaso, a leitura estruturalista de Lacan sugeriu que a condensação seria homóloga ao processo metafórico, preponderantemente sincrônico ou paradigmático, se quisermos nos valer das terminologias de

Saussure e Jakobson respectivamente. Mas Freud parece ir ainda mais longe ao sugerir que o processo condensatório envolve uma rede de signos caracterizada por ligações que sugerem um “emaranhado” [Gewirre] ou “entrelaçamento” [Verschlingung] de pensamentos. Mesclagem *avant la lettre*?

Já o processo de deslocamento tenta dar conta do fato de que muitas vezes o elemento mais importante do sonho não está nele representado, ou pelo menos não está representado com a intensidade ou valência que possui. Isso ajuda a explicar porque o sonho parece estar “centrado de outra maneira [anders zentriert]”. Ao contrário do estado de vigília, quando o valor de um pensamento ou de uma representação é indicado por sua valência, recorrência ou vivacidade, na formação do sonho pode ocorrer justamente o inverso. O centro de gravidade é deslocado para um detalhe ínfimo, ou um elemento aparentemente desprovido de sentido, justamente como forma de burlar a censura psíquica. Não por acaso, a apropriação lacaniana dos mecanismos do sonho situou o deslocamento como equivalente à metonímia, predominantemente diacrônica.

Todos esses processos e mecanismos do trabalho de sonho envolvem materiais de fontes diversas. Freud destaca especialmente dois tipos: os restos diurnos, que abrangem percepções ou pensamentos conscientes ou não do dia ou dos dias anteriores, que gozaram de maior ou menor atenção ou retenção; desejos fixados em nossa memória inconsciente e que apenas acedem à consciência ao burlar a censura, seja esta caracterizada por recalçamento ou repressão, conforme o caso. Fato é que o sonho mescla esses materiais provenientes de origens diversas, compondo um mosaico complexo de representações. Isso ajuda a explicar o caráter quase sempre enigmático do conteúdo onírico, cujo sentido não se entrega a não ser a partir de um método rigoroso de reconstrução.

4. O *Corpus*

Os sonhos aqui analisados foram coletados por meio de formulários eletrônicos durante o primeiro semestre de 2021 como parte do projeto de pesquisa Sonhos Confinados. O projeto envolveu pesquisadores de várias universidades brasileiras e tinha como objetivo coletar relatos de sonhos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil.

Dos formulários, foram extraídos os relatos de sonhos dos participantes a fim de compilar um corpus com essas narrativas. A anotação do corpus foi feita com o software UAM CorpusTool e os sonhos foram categorizados segundo as emoções que retratavam. Tais classificações baseiam-se não apenas nos relatos em si, mas também nos comentários feitos pelos sonhadores no formulário de coleta. Foram criados, assim, 15 subcorpora, cada um relacionado a uma emoção, quais sejam, medo, esperança, tristeza, fraqueza, poder, vergonha, felicidade, alívio, dúvida, saudade, desesperança, culpa, preocupação, solidão e raiva.

Os dados analisados no presente trabalho estão contidos no subcorpus de medo, uma vez que essa emoção se mostrou a mais recorrente no corpus coletado. Esse dado é consistente com a pesquisa de Wang e colaboradores (2020), que pesquisaram sobre os impactos emocionais da pandemia de Covid-19 na China durante seus impactos iniciais e concluíram que seu impacto psicológico foi de moderado a severo, com muitos participantes relatando sintomas de ansiedade e depressão.

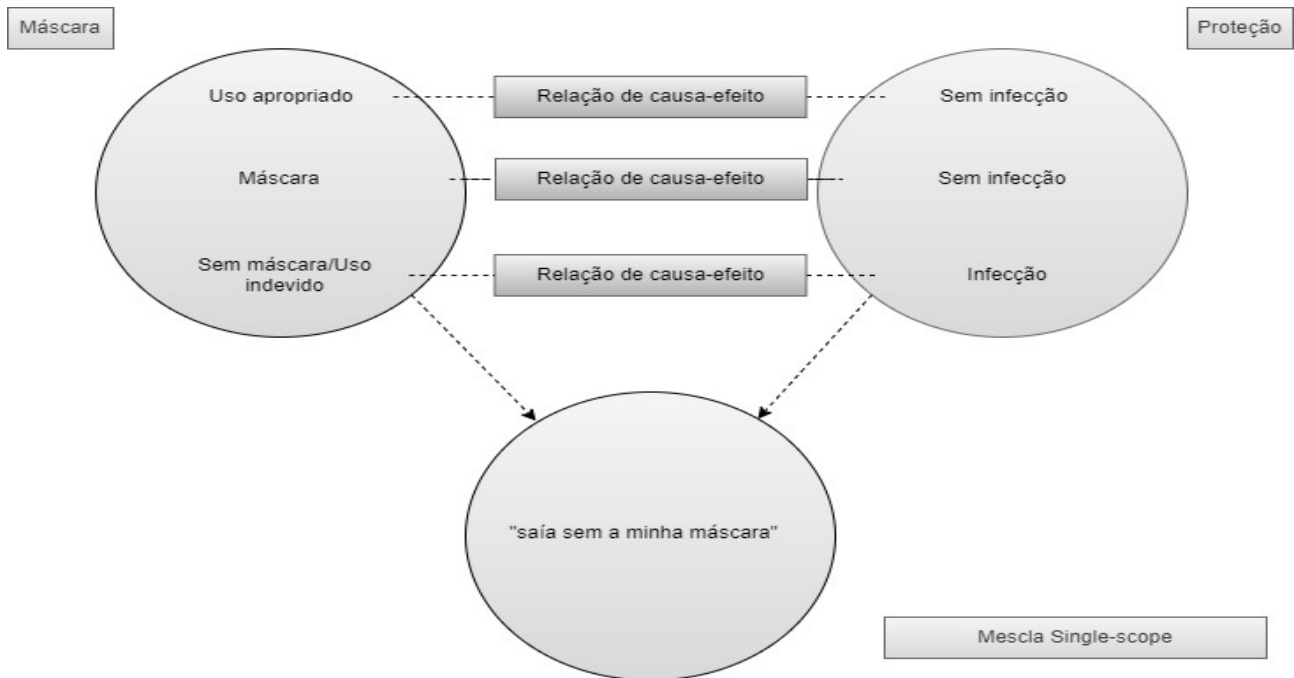
5. Análise dos relatos oníricos

Os relatos oníricos coletados durante a pandemia apresentam imagens características do cenário que se apresenta à sociedade. Nas narrativas, os sonhadores se veem constantemente em contextos que envolvem máscaras, aglomerações, sufocamento e mesmo pessoas falecidas. Muitas dessas imagens se formam por meio de mesclas entre elementos advindos da vida em vigília, os quais se comprimem e constroem representações oníricas de medo. As subseções a seguir apresentam mesclas cujas representações estão diretamente relacionadas ao contexto pandêmico em questão.

5.1. A mescla MÁSCARA COMO PROTEÇÃO

A pandemia de Covid-19 mudou a forma como as pessoas viviam, trazendo mudanças de hábitos e pensamentos. Especialmente pela ausência de referenciais simbólicos ou imaginários coletivos capazes de fornecer às pessoas modelos para o processamento e elaboração da experiência vivida. Uma dessas mudanças diz respeito à forma como as pessoas pensam sobre a máscara de proteção facial. Antes apenas utilizada em contextos hospitalares ou ligados à saúde e à pesquisa biomédica, a máscara passou a ser um item obrigatório no cotidiano, sem o qual as pessoas passaram a estar expostas ao vírus que assolava o Brasil e o mundo. Acrescente-se a isso a celeuma insuflada por agentes públicos negacionistas que alimentavam cotidianamente teorias conspiratórias as mais diversas, promovendo uma recepção no mínimo ambígua da obrigatoriedade do uso de máscaras. O mínimo que se pode dizer a esse respeito é que o cenário social envolvia dissonância cognitiva importante e polarização afetiva indiscutível, tornando a *máscara* um elemento aglutinador de disputas narrativas. Dessa forma, embora a máscara seja vista predominantemente como item de proteção, essa característica ganha novo significado, tornando-se um item de proteção indispensável, pois sua ausência representa grande ameaça para quem não a utiliza e potencializa a propagação do vírus.

Além disso, mudanças culturais como esta em uma determinada comunidade linguística influenciam os padrões de colocações entre palavras e o sentido expresso por estas combinações; isto é, sua prosódia semântica (Louw; Milojkovic, 2014; Stewart, 2010). Padrões prosódicos de sentido extrapolam a definição individual das palavras em uma colocação, pois elas se influenciam entre si justamente pelas instâncias de co-ocorrência. É importante salientar que a expressão de pensamentos e conceitos na comunicação verbal e os itens lexicais propriamente ditos têm entre si uma relação de causa e efeito, na qual o propósito rege a escolha da forma. Esta abordagem da língua como reflexo da cultura de seus falantes permite que as narrativas oníricas durante a pandemia sejam analisadas também a partir do contexto lexical no qual ocorrem as palavras e expressões apresentando mesclagens conceituais, oferecendo um rico retrato do cenário social brasileiro durante a pandemia como expresso pelo subconsciente de sua população. A figura 2 ilustra a mescla MÁSCARA COMO PROTEÇÃO.

Figura 2: Diagrama da Mescla MÁSCARA COMO PROTEÇÃO

Fonte: Adaptado de Oliveira (2023, p. 91).

A figura 02 ilustra a relação negativa de causa e consequência a partir da qual a máscara se torna sinônimo de proteção. A partir de seu uso, o sonhador é capaz de se livrar da infecção. No entanto, em sonhos de medo, o que normalmente ocorre é a ausência do item, tornando-o uma potencial vítima do vírus. A mescla apresentada se configura como *single-scope*, pois apenas a máscara é um elemento manifesto no sonho.

Faz-se importante explicitar que, embora o espaço genérico esteja apenas implícito no diagrama, é ele que permite à mescla manter suas conexões com os espaços de entrada e sua reconstrução, bem como a reconstrução do mapeamento e a conexão entre eles. Assim, apenas nos é possível analisar as mesclas que emergem da compressão dos espaços mentais se considerarmos a estrutura abstrata que permeia as conexões entre esses espaços.

Máscaras foram tema recorrente nas narrativas oníricas, mas sua prosódia semântica neste subcorpus não reflete sua denotação protetiva. As instâncias da palavra *máscara* nestas narrativas predizem relatos de insegurança, uma vez que está necessariamente colocada junto a itens lexicais representativos de ausência ou inadequação:

1. Sonhei que saía sem a máscara e ficava desesperada, por medo de pegar o vírus e de não poder entrar no local que eu estava indo.
2. Estar em algum lugar com várias pessoas, não conseguir achar a minha máscara e entrar em desespero com a situação.

3. Lembro de estar no meio de uma multidão, desesperada por estar sem máscara. Muitas pessoas sem máscara passavam por mim em locais fechados e eu usava minha blusa pra tapar o meu nariz e minha boca na tentativa de me proteger.
4. Saindo pra algum lugar e desesperada [porque] esqueci da máscara.
5. Sonhei que estava andando em uma rua, e havia muitas pessoas, andando juntas como se não houvesse pandemia, e eu então me percebo sem máscara, entrei em pânico, coloquei a mão cobrindo a boca e meu nariz, além de prender a respiração pelo máximo de tempo que consegui. As pessoas estavam todas sem máscaras, e eu me perguntava como é que pude esquecer de colocar a máscara e sair assim. O sentimento durante o sonho foi de total pânico, como se tivesse saído completamente nua.
6. sonhei [inúmeras] vezes que estava na rua sem máscara e aquilo me dava um desespero absurdo.
7. Ah e o desespero piorou pq estávamos sem máscara.
8. Eram pessoas conhecidas, e eu perguntava “você esqueceram?? Estamos em pandemia, não pode aglomerar” e ninguém concordava, todos dançando sem máscara e eu desesperada como se fosse a única ali que lembrava e se preocupava com a pandemia.
9. Um tópico muito claro no sonho era que somente eu estava usando máscara, mas isso não impedia as pessoas de comerem as tortas extremamente próximas uma das outras e rirem, como se não existisse pandemia. A parte mais bizarra foi que a minha máscara descia para o meu queixo o tempo todo, não como se estivesse escorregando, mas como se estivesse ali desde o início.
10. No ônibus, lotado, sou a única de máscara, apesar de a minha própria máscara desaparecer em alguns momentos.
11. Após isso percebo que estou sem máscara, começo a ficar desesperada procurando uma e penso “só uma não é suficiente” e surge outra máscara branca meio suja em minha mão, coloco as duas, mas sinto que já estou infectada e começo a correr e chorar desesperada, sentindo-me sozinha, não havia ninguém ali para me ajudar e eu não poderia ver meus pais uma vez que poderia passar o vírus.

Em todos estes trechos, o narrador ou as pessoas em volta do narrador não estão usando máscara, o que causa a sensação de medo como indicada pelo uso dos itens lexicais desespero (desesperada) e pânico, presentes nas colocações com a palavra *máscara*. A prosódia semântica destas narrativas é negativa por associar a máscara a sua ausência: neste corpus, a ocorrência desta palavra permite prever a ocorrência de sentimentos negativos, em direto contraste ao seu sentido denotativo e também ao seu papel durante a pandemia.

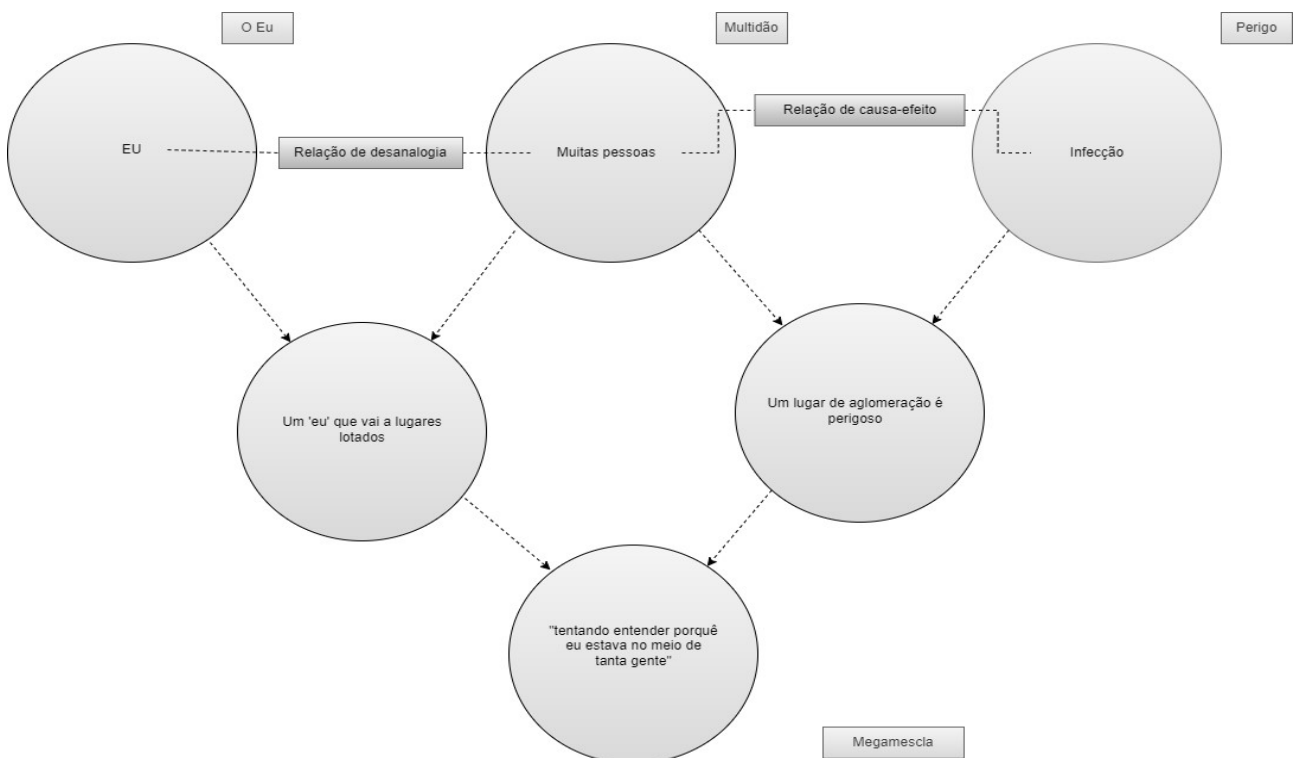
Em seu pioneiro estudo sobre os sonhos na época de ascensão do nazifascismo na Alemanha, a jornalista Charlotte Beradt (2017) coletou cerca de 300 sonhos, entre 1933 e 1939, e concluiu

que a violência da política hitlerista fora percebida nos sonhos antes mesmo que houvesse uma consciência social claramente formulada a esse respeito. Nesse caso, os sonhos funcionariam como uma espécie de sismógrafo da vida social e de como a esfera política invadiria até mesmo a atividade psíquica mais íntima dos sujeitos. Em que medida algo dessa natureza ocorre nos sonhos pandêmicos envolvendo a máscara e sua ausência é algo que só podemos conjecturar. Apesar da pequena amostra e da impossibilidade de pesquisarmos a fundo as crenças políticas dos sujeitos concernidos, nos sonhos examinados a ambiguidade vivida na vigília cede lugar à certeza da ligação entre a ausência da máscara e o perigo da morte. Se não podemos concluir nada a respeito, nada nos impede de formular essa hipótese, a ser investigada em estudo posterior.

5.2. A mescla AGLOMERAÇÃO COMO PERIGO

Assim como a mescla MÁSCARA COMO PROTEÇÃO, uma outra mescla que surgiu a partir do contexto pandêmico foi o de AGLOMERAÇÕES COMO PERIGO. Antes da pandemia, aglomerações de pessoas em locais públicos ou particulares serviam a diferentes propósitos, sendo que seu valor, positivo ou negativo, seria atribuído a cada caso em particular. No entanto, a partir do alastramento da COVID-19, as aglomerações se tornaram espaço para a contaminação. A figura 3 ilustra a referida mescla.

Figura 3: Diagrama da Mescla AGLOMERAÇÃO COMO PERIGO



Fonte: Adaptado de Oliveira (2023, p. 95).

A figura 3 apresenta uma megamescla, em que sucessivos processos de mescla parecem dar emergência ao conteúdo do sonho. O diagrama apresenta, à direita, uma relação de causa e consequência entre lugares com um grande número de pessoas e a iminente infecção do sonhador, criando assim um novo significado para a multidão que se apresenta no sonho. À esquerda, o diagrama ilustra o fato de que o sonhador não se identifica com as pessoas, normalmente sem máscara, que se aglomeram à sua volta, criando, em uma relação de desanalogia, ou seja, de diferença e incongruência, um “eu-sonhador” que, diferentemente do “eu-em-vigília”, se aglomera e, muitas vezes, não utiliza a máscara.

O diagrama também apresenta a relação de causa e efeito entre a presença do sonhador em lugares aglomerados e a infecção de Covid-19. Assim, embora o sonhador não se vê como alguém que frequenta locais cheios de pessoas, ele se encontra ali, temeroso por enfrentar as consequências de sua presença em meio à aglomeração.

Assim como acontece com a representação das máscaras nos sonhos pandêmicos, os padrões prosódicos também vão além do sentido usual da palavra *multidão*. Fica claro, a partir do contexto lexical dos relatos abaixo, que estar em meio a uma aglomeração é algo que incita medo e desespero no sonhante.

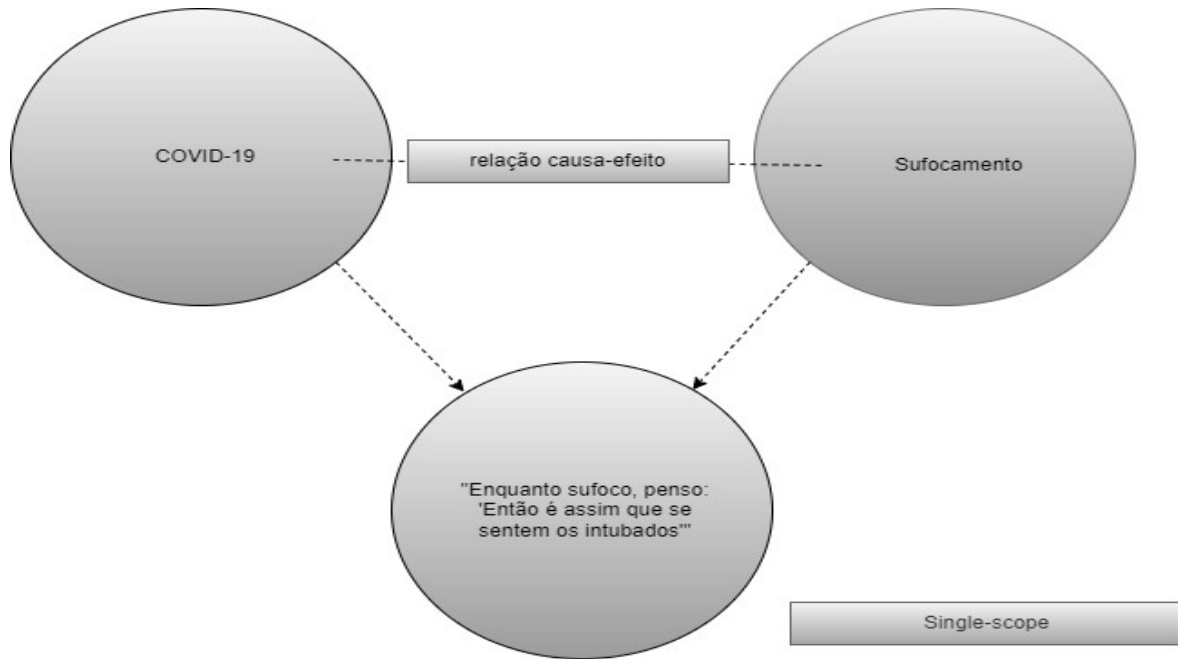
12. Eu senti medo o tempo todo do sonho, pensando que não gostaria de estar ali e tentando entender porquê eu estava no meio de tanta gente.
13. Estou na rua andando com muita gente em volta. Ah e o desespero piorou pq estávamos sem máscara. Fiquei desesperada e acordei.
14. No meu sonho tinha sido levada a uma festa sem saber, e lá tinha muita gente. Eu fiquei em desespero, e dizia que não queria estar ali, que queria ir embora, mas não conseguia sair e nenhuma pessoa à minha volta entendia o meu motivo.
15. Lembro de estar no meio de uma multidão, desesperada por estar sem máscara. Muitas pessoas sem máscara passavam por mim em locais fechados e eu usava minha blusa para tapar o meu nariz e minha boca na tentativa de me proteger.

Assim como ocorre com a máscara, é possível prever a ocorrência de emoções e situações negativas a partir do momento em que a aglomeração entra em cena.

5.3. A mescla COVID COMO SUFOCAMENTO

Uma das imagens relacionadas à Covid-19 que aparece em alguns relatos de sonhos é a do sufocamento, o qual pode acontecer em diferentes contextos. Assim, a mescla COVID COMO SUFOCAMENTO aparece no sonho em uma relação metonímica, na qual a infecção se manifesta por um único sintoma, comum a pacientes em estado grave da doença. A figura 4 ilustra essa mescla.

Figura 4: Diagrama da Mescla COVID COMO SUFOCAMENTO



Fonte: Autoria dos autores.

A figura 4 apresenta a relação de causa e efeito existente entre a contaminação pela Covid-19 e o sintoma de sufocamento apresentado por alguns pacientes. Esses espaços mentais se comprimem, de modo que a doença se manifesta por um único sintoma: o sufocamento, o qual é consequência da infecção pelo vírus.

Nas narrativas, o sufocamento acontece em contextos não necessariamente pandêmicos, o que aponta para elementos da vigília que servem, no sonho, como espaços de entrada para a mescla, conforme ilustram os relatos 16, 17 e 18.

16. Ouvimos um tiroteio seguido de correria. Era um confronto do morro com a polícia. O chefe me disse: - você vai se esconder aqui, eu vou colocar esse corpo em cima do seu, vou colocar esse cano em sua boca. Por ele você vai respirar e se alimentar. Não se mexa e finja de morta! Se assim fizer, você vai sobreviver! Assim fiz: eu me fingi de morta, controlava a minha respiração para não fazer barulho e nem ser percebida.
17. Sonhei que estava respirando com um pulmão de cada vez. Olhava para a minha caixa torácica e via o pulmão esquerdo inflando enquanto o direito permanecia inerte. Em seguida, inflava o pulmão direito enquanto o esquerdo permanecia inerte. Nessa alternância, seguia minha respiração.
18. Sonhei que estava deitada no meu quarto, que tem duas plantas. Chega uma terceira planta, nova, e eu começo a sufocar. Como se, instantaneamente, o gás carbônico fosse liberado em excesso. Enquanto sufoco, penso: “Então é assim que se sentem os intubados”.

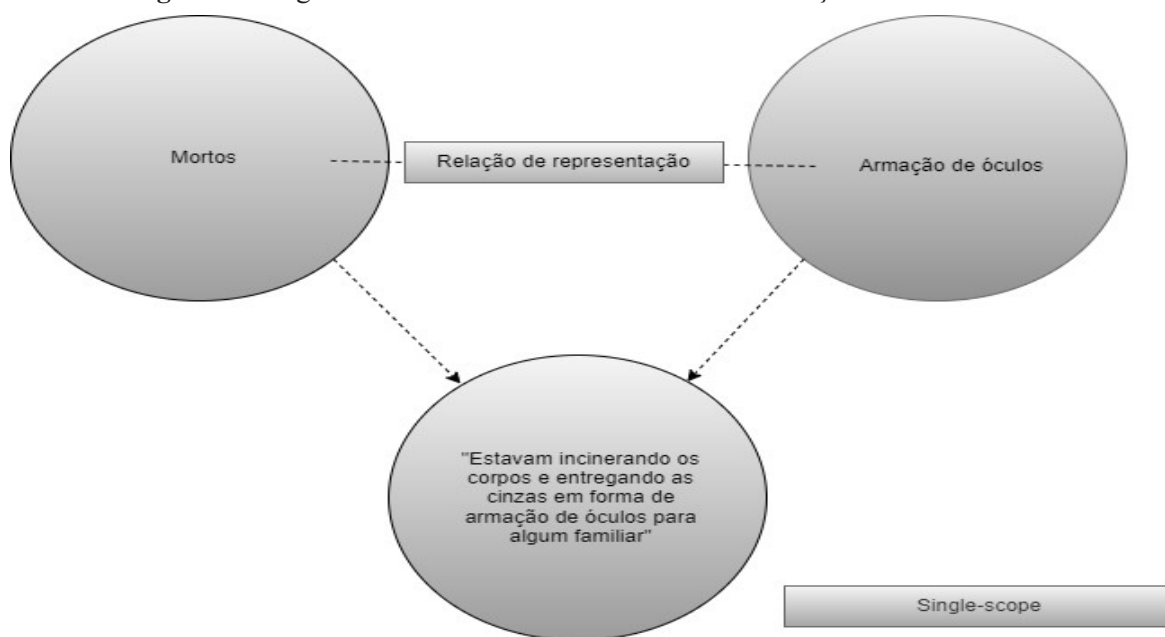
Percebe-se, a partir das narrativas, que, no processo onírico que se apresenta, a intubação, o mal funcionamento dos pulmões ou a falta de ar representam uma das faces da infecção por Covid-19, a qual relacionamos genericamente ao sintoma do sufocamento.

Além disso, essas narrativas apresentam ainda mesclas subjacentes que se mostram congruentes com o contexto da pandemia. Uma delas é, por exemplo, o fato do sonhador se fingir de morto, cria para si uma nova realidade em que a qualidade de morto se mescla a ele, em desanalogia com sua condição anterior de alguém vivo. De forma similar, o sonhador que, ao sufocar, se coloca no lugar dos intubados da Covid-19, atribui - ou seja, mescla - a condição de paciente à sua própria pessoa, tornando-se, assim, diferente do seu “eu” em vigília.

5.4. A mescla MORTOS COMO ARMAÇÕES DE ÓCULOS

A última mescla diretamente relacionada à pandemia de Covid-19, apresenta apenas uma ocorrência. Trata-se de uma narrativa em que os mortos são incinerados e entregues a suas famílias. Assim, o corpo incinerado se mescla aos óculos, se transformando, a partir da relação vital de mudança, em um continente para as cinzas dos falecidos. A figura 5 apresenta a referida mescla.

Figura 5: Diagrama da Mescla MORTOS COMO ARMAÇÕES DE ÓCULOS



Fonte: Autoria dos autores.

Na figura 5 é possível perceber a relação de representação, a partir da qual os mortos pela Covid-19 se equivalem à armação de óculos entregue às famílias. Além disso, há, conseqüentemente, uma mescla também entre as pessoas e a posse dos óculos, em que uma pessoa que usa os óculos é alguém que perdeu um familiar.

19. Minha mãe tinha morrido, e não havia mais lugar onde colocar os corpos das pessoas, então eu aguardei numa fila. Eles estavam incinerando os corpos e entregando as cinzas em forma de armação de óculos para algum familiar, o qual deveria usar os óculos no rosto. Assim quase todas pessoas da cidade usavam o objeto.

Aqui também o resultado da mescla é um novo conceito que, como pode ser esperado a partir dos itens lexicais que o contextualizam, tem valor negativo para o sonhador e que o amedronta, uma vez que a morte, nessa narrativa, atinge quase todas as pessoas da cidade, de modo que não há mais lugar para enterrar os que falecem.

6. Discussão e conclusões

As análises apresentadas suportam a ideia de que a Teoria da Mesclagem Conceitual é capaz de dialogar com os conceitos freudianos de condensação e deslocamento, os quais correspondem, respectivamente, à metáfora e à metonímia, prevalentemente.

A metáfora, ou condensação, se realiza a partir do alinhamento de dois espaços que estão manifestos no sonho, tal como as cinzas dos falecidos e as armações de óculos, os quais se comprimem em um único objeto por meio de uma relação de mudança. Assim, dois conceitos não anteriormente relacionados - as cinzas e os óculos - se mesclam e dão origem a um novo conceito que extrapola os anteriores.

Por sua vez, a metonímia, ou deslocamento, se constitui pela mescla de um espaço mental manifesto no sonho e um espaço latente, não presente no sonho. É o caso por exemplo da máscara, das aglomerações e dos tubos que aparecem manifestos nas narrativas oníricas, em contrapartida à covid e ao conhecimento de mundo ligados a ela, que em sua maioria são latentes e não se manifestam no sonho.

É conhecido de todos a aproximação entre psicanálise e linguística estrutural de matriz saussuriana, tal como foi proposta por Jacques Lacan a partir dos anos 1950. Entendemos que o estudo ora relatado aponta para a possível fecundidade de renovação dos campos de interseção entre linguística e psicanálise, apontando para a fecundidade de modelos oriundos da Linguística Cognitiva para a Psicanálise. Parece-nos singular iniciar tal retomada com sonhos. Insistimos que foi com uma teorização inovadora sobre esses eventos psíquicos, e na aposta que eles carregam significado subjetivo, que uma teoria propriamente psicanalítica do funcionamento mental humano vem a público, através da publicação de *A Interpretação do Sonho* (Freud, 1900). Resta como questão empírica para novos estudos explorar se, a semelhança da teoria freudiana do sonhar, uma interlocução entre a Linguística Cognitiva e a Psicanálise se desdobrará de modo produtivo na compreensão de outros eventos psíquicos tratados como manifestações do inconsciente.

Cabe notar que a proposta por nós explorada no presente estudo não se configura como a primeira tentativa de cotejamento entre a teoria do sonhar psicanalítica e perspectivas pós-estruturalistas em Linguística. Edelson (1973), citado em Mahony (1987), buscou estabelecer isomorfismos entre as noções gerativistas de estrutura profunda e estrutura de superfície e as concepções de conteúdo onírico latente e conteúdo onírico manifesto. Entretanto, Mahony (1987) questiona a propriedade dessa

tentativa de estabelecimento de isomorfismo, ponderando que ela omite um elemento central aos argumentos freudianos: a operação psíquica do recalque, subjetiva e advinda da história afetiva singular de cada sonhador, na configuração das condições de representatividade de conteúdo psíquico nos sonhos. É nosso entendimento que a teoria da mesclagem conceitual parece-nos uma resposta a tal questionamento de Mahony (1987). A mescla conceitual é uma operação dinâmica e emergente, não o produto de regras incidentes localizadamente sobre entidades simbólicas formalmente definidas (ex.: determinados tipos de sintagmas). Esse caráter dinâmico comporta a singularidade, a maleabilidade e a imprevisibilidade que são inerentes à subjetividade e ao condicionamento pela história pessoal que serão caras também ao conceito freudiano de recalque de representações psíquicas.

Por fim, acreditamos que o horizonte de investigações no qual situamos o presente relato encerra possibilidades interessantes para a teoria linguística. Eventos psíquicos expressivos de sentidos como os sonhos, dentre as formações do inconsciente que na Psicanálise incluem deslizamentos, esquecimentos, o humor, devaneios, a alucinação e certas manifestações sintomáticas corpóreas, inequivocamente convocam pontos de vista multimodal e intersemiótico de linguagem. Esses pontos de vista vêm ao encontro de posições compartilhadas entre a Linguística Cognitiva e outros modelos funcionalistas nos estudos da linguagem. A exploração de possibilidades de aliança entre a teoria psicanalítica e estes modelos nos estudos linguísticos parece-nos promissora para a investigação de facetas da linguagem humana moduladas pela história, pela intersubjetividade, facetas essas que nos parecem não serem suficientemente esclarecidas ao serem abordadas por chaves interpretativas que se restringem à modelos estritamente mecanicistas do funcionamento mental humano.

Referências

- BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- BOAS, Hans, C.; SAG, Ivan. *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2014.
- DUNKER, Christian; PERRONE, Cláudia; IANNINI, Gilson; ROSA, Miriam Debieux; GURSKI, Rose. *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. São Paulo: Autêntica Editora, 2021.
- LOUW, B.; MILOJKOVIC, M. Semantic Prosody. In: STOCKWELL, P.; WHITELEY, S. (ed.). *The Cambridge Handbook of Stylistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, pp. 263-280.
- STEWART, D. *Semantic Prosody: A Critical Evaluation*. New York, London: Routledge, 2010.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings of Thought and Language*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces – Aspects of Meaning Construction in Natural Languages*. Cambridge/MA: The MIT Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, v. 22, 1998.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think*. New York: Basic Books, 2002.

- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FRANÇA, Aniela Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. *A Linguística no Século XXI - Convergência e Divergência no Estudo da Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FRANÇA, Aniela Improta. O problema de broca. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (org.). *Chomsky – A Reinvenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação do sonho*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2024. (no prelo).
- GIBBS, Jr.; Raymond. Embodied metaphor. In: LITTLEMORE, Jeanette; TAYLOR, John (org.). *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*. London/New York: Bloomsbury, 2014.
- GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar – Revised Edition*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 2017.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions – A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- IBAÑEZ, Francisco, J. R. M. Conceptual metonymy theory revisited: Some definitional and taxonomic issues. In: WEN, Xu; TAYLOR, John (org.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. New York/London: Routledge, 2021.
- KÖVECSSES, Zoltán. Standard and extended conceptual metaphor theory. In: WEN, Xu; TAYLOR, John (org.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. New York/London: Routledge, 2021.
- LUCY, John A.; GASKINS, Suzanne. Interaction of language type and referent type in the development of non-verbal classification preferences. In: GERTNER, Dendre; GOLDIN-MEADOW, Susan (org.). *Language in Mind – Advances in the Study of Language and Thought*. Cambridge/MA: The MIT Press, 2003.
- MAHONY, Patrick. *Psychoanalysis and Discourse*. Philadelphia: Brunner- Routledge, 1987.
- OLIVEIRA, Flávia Alvarenga. *From the virus to the elephant: an analysis of the blending mechanism in Brazilians' oneiric semantic representations of fear during the COVID-19 pandemic*. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 223. 2023.
- WANG, Cuiyan; PAN, Riyu; WAN, Xiaoyang; TAN, Yilin; Ho, Cyrus S.; HO, Roger S. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (covid-19) epidemic among the general population in china. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, mar 2020.
- RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da Noite - A História e a Ciência do Sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- TALMY, Leonard. *Ten Lectures on Cognitive Semantics*. Leiden/Boston: Brill, 2018.
- TAYLOR, John. *Linguistic Categorization – Prototypes in Linguistic Theory (2nd Edition)*. Oxford/New York: Clarendon Press, 1995.
- WEN, Xu; FU, Zhengling. Categorization. In: WEN, Xu; TAYLOR, John (org.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. New York/London: Routledge, 2021.